



SESSÃO SOLENE – 25 de ABRIL
ALVERCA do RIBATEJO (ARCENA)
24 de ABRIL DE 2023

Assinala-se hoje o fim do sistema autocrático que governou Portugal por várias décadas, e passados quase meio século desse acontecimento, e já a caminho do primeiro quartel do séc. XXI, olhando para o desenvolvimento económico e social a situação não é substancialmente diferente... continuamos de braço dado com os países do leste europeu.

E não... Não se trata de inveja... Que só o desespero e desorientação do atual Primeiro-Ministro pode justificar tal tipo de argumentação, contudo débil e desprovida de verdade.

O que se pretende é que a par do desenvolvimento dos parceiros europeus, também Portugal trilhe esse caminho, o que manifestamente não acontece. Que nos tentemos aproximar dos que estão em melhores condições, ao contrário de nos satisfazermos por voltar à cauda da Europa.

Já se percebeu que este Governo se sente confortável na posição de carro-vassoura!

É no contexto do desenvolvimento económico...

É no contexto da prestação de serviços públicos...

É no contexto do combate ao compadrio e corrupção...

É no que respeita à responsabilidade e ética política...

Em todos estes aspetos, Portugal regride sucessivamente com António Costa a liderar o Governo.

Mesmo após o fim do regime autocrático a democracia demorou a consolidar-se e impor-se como caminho de futuro no país, levando 19 longos meses até que fosse possível respirar ares de verdadeira liberdade.

Mas a democracia, embora imperfeita por natureza, encontra-se atualmente verdadeiramente ameaçada, não se podendo nunca dar como garantida vitaliciamente. É célebre a frase “quem adormece em democracia, acorda em ditadura”; e o certo é que muitos de nós, os que exercem funções políticas, os cidadãos enquanto eleitores e a comunicação social enquanto instrumento de escrutínio estão hoje adormecidos.

Uma outra frase célebre, proferida fará amanhã 49 anos, referia que entre os diferentes Estados que existem, está o “Estado a que chegámos”. É fácil identificar que o Estado a que chegámos hoje, em abril de 2023, não serve o crescimento económico do país, a consolidação da confiança nas instituições democráticas, nem o desenvolvimento social que a democracia deveria providenciar.

Também não vislumbramos, hoje, na Assembleia da República uma oposição eficiente, determinada, preparada e com capacidade de afirmação.

Se por um lado temos a repetida utopia do séc. XIX, por outro temos as demagogias e populismos do séc. XXI, nas suas múltiplas vertentes. Mas se houve período em que Portugal obteve alguma estabilidade política conjugada com desenvolvimento económico e social, foi precisamente no decorrer da década de 80 e início de 90 do século passado, coincidindo com o período em que o Partido Socialista esteve mais tempo afastado de funções governativas.

Também aqueles que deveriam defender o Estado de Direito, Democrático e Social se têm revelado incapazes, navegando ao sabor de uma qualquer notícia ou caso mediático, sem construírem uma verdadeira proposta alternativa de reforma do Estado.

Preparando-se mesmo, o PSD, para desperdiçar uma oportunidade de reforma da Constituição que permitisse estabelecer bases para as reformas que o país necessita.

Se hoje não nos encontramos, ainda, em autocracia; estamos, certamente a viver uma democracia extremamente debilitada, vulnerável a oportunismos mesquinhos e necessitada de se revitalizar.

Mais que nunca, hoje, temos que permanecer do lado certo da história, rejeitando a propaganda acéfala, as agressões gratuitas à democracia e o branqueamento de atos criminosos, como aqueles de que é vítima a Ucrânia por parte do regime nacional-socialista da Federação Russa.

Hoje precisamos de construir uma democracia sustentável e capaz de resistir às diferentes ameaças que pairam sobre si. É necessário um novo 25 de novembro que tal como: Ramalho Eanes, Francisco Sá Carneiro, Adelino Amaro da Costa, Mário Soares, entre outros,

nesse dia de inverno político e social conduziram Portugal à prática política responsável, a políticas sociais sustentáveis e a políticas económicas eficientes, com o objetivo comum de lançar as bases da democracia plural.

Só pela defesa do humanismo, pela garantia das funções essenciais do Estado e pela participação efetiva e informada de todos será possível inverter o caminho.

Viva a democracia,

Viva sempre, mas sempre, Portugal!

Arcena, 24 de abril de 2023

Eleito pelo CDS à Assembleia de Freguesia

- Rui Valadas -